CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

Billy Woodberry | Realizador Convidado

18 e 23 de Junho de 2025

MEMÓRIAS DO CÁRCERE / 1984

um filme de Nelson Pereira dos Santos

Realização e Argumento: Nelson Pereira dos Santos / Adaptação do romance homónimo de Graciliano Ramos / **Fotografia:** José Medeiros e Antônio Luiz Soares / **Cenários:** Irenio Maio / **Montagem:** Carlos Alberto Cammuyrano / **Som:** Jorge Saldanha / **Interpretação:** Carlos Veneza (Graciliano Ramos), Glória Pires, Jofre Soares, José Dumont, Nildo Parente, Wilson Grey, Tónico Pereira, Jorge Cherques, Jackson de Souza, Waldyr Onofre / **Produção:** Lucy e Luiz Carlos Barreto / **Cópia:** em DCP, colorido, versão original, legendada em inglês / **Duração:** 185 minutos / Inédito em Portugal / **Primeira exibição na Cinemateca:** 3 de Maio de 1985 em “Sessão Especial”, data em que foi escrito este texto.

Na sessão de dia 23 a projeção será seguida de conversa com Ruth Wilson Gilmore e Billy Woodberry (em Inglês)

1. Graciliano Ramos. Este nome está presente de dois modos distintos em **Memórias do Cárcere** de Nelson Pereira dos Santos. Como nome do escritor em cuja obra homónima o filme se baseia e como nome do protagonista da narrativa fílmica. O facto desse protagonista se dedicar obsessivamente à escrita não o faz coincidir ponto por ponto com o romancista do mesmo nome.

Gastaram-se rios de tinta com o melhor ou pior resultado da adaptação de obras literárias ao cinema. Um dos lugares-comuns dessa controvérsia é o de que "grandes livros" convertem-se em maus filmes, se bem que livros menores se transfigurem, por vezes, em "obras-primas" cinematográficas. As excepções confirmam, é claro, a regra. À margem desse debate, e deslocando singularmente as suas premissas, dois filmes, **Amor de Perdição** e **Fortini Cani**, restituíram o problema à sua verdadeira dimensão, a do texto. De facto, Manoel de Oliveira e Straub-Huillet foram os primeiros a assumir a fidelidade plena à matéria de origem, concebendo como matéria dos seus filmes a própria letra dos romances: Camilo Castelo Branco e Franco Fortini viram-se, assim, filmados à letra.

Aquém das premissas de Oliveira e Straub, **Memórias do Cárcere** ensaia uma via de compromisso entre a adaptação tradicional – filmar as peripécias relatadas no romance – e a tentativa de captar o movimento próprio da escrita. O resultado desse compromisso não será, porventura, o mais luminoso, quer para a necessária autonomia do filme, quer, por reflexo, para o texto original de Graciliano Ramos. Onde é que está o estilo indirecto livre de Graciliano? Porquê essa excessiva deslocação da narrativa para a primeira pessoa? Dir-me-ão que, num livro de memórias, a primeira pessoa é uma instância obsessiva. Mas, não nos avisou Graciliano que a utilização do "pronome mesquinho da primeira pessoa do singular" estava no romance para melhor o ocultar a ele, deixando assim ver os outros, os

verdadeiros personagens daquela história? E, por fim, para quê confrontar-nos com um personagem obcecado pelo acto da escrita, se o processo só aproveita para pôr em relevo um tique psicológico, uma vez que os textos resultantes dessa actividade nunca são ditos ou dados a ler? (A mesma situação – motim na penitenciária, por exemplo – é substancialmente diferente quando filmada ou escrita, como se pode deduzir da comparação de um excerto do roteiro e do romance, publicados pela *Filme Cultura* e que reproduzimos com a devida vénia).

Entendamo-nos: as reservas enumeradas estabelecem apenas a divisória entre um cinema que dirige directamente com a matéria da literatura (a letra, a palavra) e um cinema que, jogando-se no campo dos significados e dos sentidos, apaga essa origem literária. O empreendimento de Pereira dos Santos não deixa, contudo, de ser respeitável e corajoso.

2. O cárcere e as memórias. Esqueçamo-nos agora de Graciliano, o escritor, para dar honras de exclusivo ao percurso de Graciliano, o personagem. Um percurso de sucessivos encarceramentos: a vida doméstica, primeiro; a via-sacra da prisão militar à colónia, passando pela penitenciária, depois. O mais bonito desse percurso dantesco (perdoem-me a pobreza do paradoxo) é, sem dúvida, a ironia distanciadora deste anti-herói, nosso guia e mediador, contornando ao pé da porta as taras típicas do cinema militante. Porque, sublinhe-se, também este filme é um filme "encarcerado": a situação angustiante das cinematografias da América Latina é bem a de integrarem uma herança neo-realista de indesmentível generosidade, mas de considerável constrangimento formal. Ainda, neste passo, o filme de Pereira dos Santos assume uma via de compromisso entre o testemunho histórico (mais ainda, a metáfora política da sociedade brasileira) e a consciência de que tais conteúdos não são alheios à discussão das formas que os veiculam. A lucidez e a contenção de Pereira dos Santos marcam pontos a seu favor, mas deve recordar-se que a cinematografia brasileira – em particular através da obra de Glauber Rocha – atingira já formulações superiores do problema.

Os cárceres do passado são a metáfora da sociedade brasileira do presente, segundo afirmava o cineasta em 1984. Também as memórias de Graciliano, no filme de N.P. dos Santos, só são passado para melhor mostrarem o presente. Compreende-se que tenha sido mesmo esta a intenção de Nelson Pereira dos Santos, e pode até prezar-se o seu propósito ético. Há, no entanto, alguma injustiça nessa desabusada apropriação que o presente faz do passado. O privilégio que resta ao passado, face às imensas possibilidades de manipulação do presente, é o do seu carácter singular. A gesta de Graciliano é única, como únicos são os jovens tenentes, o português anarquista, o Gaúcho. Poderá pedir-se a esses seres singulares que comunguem das normas do presente?

Creio ter deixado perceber clara admiração pelas exigências éticas do filme de Nelson Pereira dos Santos. Nem sempre isso terá correspondido a iguais exigências estéticas. Faltou talvez a meditação sobre o escritor e sobre o escrito. O que estaria mais certo com a aridez e secura do estilo do que, bem vistas as coisas; a metáfora da sociedade carceral ensaiada neste filme de "memórias".

M. S. Fonseca